

NINGUÉM SABE DISSO¹

Tradução: Guilherme Castro R. Pedrosa²

Revisão: Thais Diehl Bresolin³

Ninguém sabe disso — diz a senhora Yasui, de 41 anos, rindo um pouco —, mas algo muito estranho me aconteceu. Era primavera e eu tinha 23 anos, ou seja, já faz o quê, vinte anos que esse caso ocorreu. Foi um pouco antes do grande terremoto de Kantô. Por aqui em Ushigome, as coisas não mudaram muito desde aquela época. A avenida principal ficou um pouco mais larga e metade do jardim da minha casa foi arrancado para tornar-se parte de outra avenida. Havia um laguinho no jardim que também foi destruído, mas em geral foram só essas mudanças mesmo. Ainda hoje dá para ver o Monte Fuji claramente da varanda do segundo andar se escuta dia e noite o soar do trompete dos soldados e por aí vai. O meu pai, que era governador na província de Nagasaki, foi chamado para ser prefeito deste distrito, durante um verão, quando eu tinha doze anos e minha mãe ainda estava viva. Meu pai nasceu aqui em Ushigome, Tóquio, mas meu avô era de Morioka, na província de Rikuchû⁴. Parece que meu avô, quando jovem, veio para Tóquio sozinho e sem planos, e viveu uma vida um tanto perigosa, atuando metade do tempo como político e metade como comerciante. Bom, um comerciante de alta classe, digamos. Mas, de qualquer forma, no fim ele foi bem sucedido e, quando chegou à meia idade, pôde comprar este terreno em Ushigome, construir esta residência e estabelecer-se definitivamente aqui. Se é mentira ou verdade, eu não sei, mas parece que meu avô nasceu na mesma vila que Hara Takashi, aquele primeiro-ministro que anos atrás foi assassinado na estação de Tóquio, e que meu avô, por ser mais velho e mais experiente em assuntos de política, dava-lhe muitos conselhos, de forma que Hara Takashi, principalmente depois de tornar-se primeiro-ministro, vinha todos os anos cumprimentá-lo no feriado de Ano Novo. Não me parece uma história verídica, porém. Isso porque, quando meu avô me contou essa história, eu tinha doze anos e retornava com meus pais a esta casa em Tóquio, onde até então meu avô vivera sozinho, para morar aqui pela primeira vez, e encontrara-o já um velho babão de mais de oitenta anos. Na verdade, eu, que devido às

¹ “Ninguém sabe disso” [誰も知らぬ, *Daremo shiranu*]. Publicado originalmente em abril de 1940, na revista *Wakakusa*.

² Guilherme Castro R. Pedrosa é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e mestrando do curso de Literatura Comparada da Universidade de Kanazawa. Atua também como tradutor e intérprete. E-mail: <guilherme.crp@gmail.com>.

³ Thais Diehl Bresolin é Bacharel do Curso de Letras Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É tradutora e revisora. E-mail: <bresolin.thais@gmail.com>.

⁴ Rikuchû. Antiga província do Japão. Equivale, em sua maior parte, à atual província de Iwate.

transferências de trabalho de meu pai servidor público, morei em Urawa — onde nasci, quando morávamos em uma residência do governo — , Kobe, Wakayama e Nagasani, posso contar nos dedos as vezes que visitei essa casa em Tóquio, de forma que não tinha intimidade com meu avô e, mesmo quando vim morar aqui pela primeira vez aos doze anos e passei a conviver com ele, ainda sentia que ele era um estranho de aparência miserável e que falava com um sotaque de interior tão forte que eu nunca tinha certeza se o havia compreendido; todos fatores que só aumentavam minha antipatia por ele. Como não tínhamos muita intimidade, ele tentava de todas as maneiras me agradar, como, por exemplo, aconteceu no dia em que ele me contou essa história do Hara Takashi, em uma noite de verão, sentado em um banco no jardim de pernas cruzadas, com um dos braços arqueados, abanando-se com um leque Uchiwa, quando então eu, que logo fiquei entediada, soltei um enorme bocejo de propósito e ele, vendo isso de canto de olho, mudou o tom de voz e disse: “Hara Takashi não é interessante, então vamos falar das sete maravilhas de Ushigome”, e começou a narrar essa outra história em um tom suave. Sei lá, mas meu avô tinha algo de desonesto. Essa história do Hara Takashi, por exemplo, não me parece verídica. Posteriormente, perguntei ao meu pai sobre essa história, e ele deu um leve sorriso amargo e então respondeu gentilmente, enquanto passava a mão na minha cabeça, que era possível que Takashi tivesse vindo aqui uma ou outra vez, pois o vovô não contava mentiras. Meu avô morreu quando eu tinha dezesseis anos. Eu não gostava muito dele, mas chorei muito no dia do seu velório. Foi uma cerimônia muito bonita, e acho que acabei chorando pela emoção do momento. No dia seguinte, na escola, os professores vieram me dar as condolências e, a cada vez que isso acontecia, eu chorava. Também recebi, inesperadamente, a simpatia dos meus colegas, o que me deixou envergonhada. Naquela época, eu frequentava uma escola para meninas em Ichigaya e era tratada como uma princesinha, era muito mais feliz do que merecia. Eu nasci quando meu pai tinha quarenta anos e era secretário da educação em Urawa, e, como filha única, eu era a queridinha do papai, da mamãe e de todos ao meu redor. Eu me considerava uma criança tímida e solitária que necessitava da piedade dos outros, mas, pensando nisso agora, eu era só uma garota egoísta e arrogante. Logo que comecei a ir à escola em Ichigaya, fiz uma amiga chamada Serigawa, que foi sempre amigável e cuidadosa comigo, mas que, pensando agora, devia me achar uma chata arrogante e mesmo assim ter decidido me tratar com gentileza. Além disso, ela era muito submissa e concordava com tudo que eu dizia, de forma que nossa relação parecia a de um patrão autoritário e seu criado. A casa dela ficava defronte da nossa, sabe, tinha aquela loja de doces Kagetsudô, não tinha? Isso mesmo, essa loja que continua prosperando até hoje e que produz aquele doce chamado *izayoi monaka*, que é um *monaka*⁵ recheado com castanha portuguesa e pasta de feijão *azuki*, o carro chefe da casa. Hoje em dia a

⁵ Doce japonês feito de dois *wafers* arredondados recheados normalmente com pasta de feijão *azuki* (*anko*).

loja passou para as mãos do irmão dela, que agora é o chefe da família Serigawa e que lá trabalha duro da manhã à noite. Sua esposa também parece ser uma mulher muito trabalhadora, sempre na recepção atendendo aos telefonemas e repassando rapidamente os pedidos aos meninos da loja. Essa minha amiga Seriguchi, três anos após se formar no ensino médio, conseguiu encontrar um bom partido e se casou. Agora ouvi dizer que ela está morando na capital da Coreia ou algo assim. Já faz uns vinte anos que não nos vemos. Parece que seu marido é um homem bonito que se formou em uma escola particular do bairro de Mita, que atualmente administra um jornal relativamente grande na capital coreana. Eu e a Serigawa continuamos nossa amizade mesmo depois do colégio, embora a palavra amizade aqui seja aplicada a uma relação em que a Serigawa vinha à minha casa, e nunca o contrário, para, em geral, conversarmos sobre literatura. Desde a época da escola, Serigawa lia avidamente romances de Natsume Sôseki e Tokutomi Roka e também escrevia redações muito bem, de uma forma bastante madura, enquanto eu, por outro lado, era um desastre nesse assunto. Eu não tinha interesse algum. No entanto, ao passo que ela a toda hora me emprestava romances e eu os lia em uma mistura de tédio e confusão, passei a entender um pouco o que tinha de interessante em livros. Porém, os romances que me interessavam não a agradavam, e os que a interessavam eram incompreensíveis para mim. Eu gostava das novelas históricas de Mori Ôgai, mas Serigawa ria e dizia que eu era ultrapassada, que os romances de Arishima Takeo eram muito mais profundos. Ela trouxe dois ou três para mim, que eu até li, mas não entendi nada. Pode ser que eu pense algo diferente caso os leia hoje, mas esse tal de Arishima era cheio de umas teorias bestas nas quais eu não via graça nenhuma. Talvez eu seja uma pessoa simples mesmo. Os autores em ascensão naquela época eram muitos: Musanokôji Saneatsu, Shiga Naoya, Tanizaki Jun'ichirô, Kikuchi Kan, Akutagawa Ryûnosuke e por aí vai, e entre eles eu gostava dos contos de Shiga e Kikuchi, mas a Serigawa falava mal até deles, dizendo que eles eram ideologicamente pobres e não sei o que mais, enquanto ria. Mas acontece que eu não me dou bem com obras cheias de teoria. Toda vez que a Serigawa vinha me visitar, ela trazia novas edições de revistas literárias, coletâneas etc. e me contava sinopses de obras e até fofocas sobre autores, mas ela falava com tanto entusiasmo que, quando eu comecei a achar aquilo estranho, ela finalmente deixou escapar o porquê de todo aquele fervor. Você sabe como são amigas mulheres, mal estão começando a ficar íntimas e já mostram seus álbuns de fotografias uma para a outra, então um dia a Serigawa trouxe um álbum e, enquanto eu fingia que estava escutando suas explicações excessivamente detalhadas, comecei a folheá-lo, quando de repente vi a foto de um menino muito bonito segurando um livro em frente a um roseiral e, inconscientemente, fiquei vermelha e disse: “Que menino mais lindo!” Então, Serigawa disse abruptamente: “Não!”, e arrancou o álbum da minha mão, o que fez com que eu logo percebesse o que estava acontecendo. “Tudo bem, agora eu já vi mesmo”, disse eu

calmamente, e ela repentinamente abriu um sorriso e me disse: “Você já sacou, né? Você é muito esperta, não? Veja só, entendeu rapidinho, não foi? Pois é, a gente já se conhece desde a época da escola”, blá, blá, blá, e seguiu falando sozinha sem parar, e eu, que não tinha entendido era nada, acabei sabendo foi de tudo. Ela era realmente doce e inocente. Ela e esse tal menino bonito se conheceram por meio de uma coluna de correspondências de uma revista, é coluna de correspondência que se diz? Bom, então eles começaram a escrever um para o outro e entraram em uma, digamos, sintonia, algo difícil de compreender para alguém comum como eu, mas enfim, eles passaram a trocar correspondências em privado e, assim que ela se formou, seus sentimentos só cresceram e os dois meio que decidiram que ficariam juntos. Ele era o segundo filho do dono de uma empresa de navios em Yokohama e era um aluno prodígio da Universidade Keio⁶ que, no futuro, pretendia se tornar um grande escritor. Isso foi o que ouvi da Serigawa, mas para mim essa história toda não passava de uma loucura, uma sujeira terrível. Por outro lado, eu tinha tanta inveja dela que meu coração palpitava, mas, tentando o máximo possível esconder isso, disse a ela: “Que interessante, mas é melhor você ir com calma”, e isso a atingiu como uma ofensa, o que fez com que ela me atacasse de uma forma como nunca antes, me dizendo: “Você é maliciosa, apunhala pelas costas, sempre me desdenhando com seu olhar frio, você é uma falsa”. Então respondi com sinceridade o que passava em minha cabeça: “Me desculpe, eu nunca tive intenção de desdenhar você, esse olhar frio é meu jeito mesmo, sempre há mal entendidos em relação a isso e, além disso, eu achei essa história uma loucura, o seu parceiro é muito bonito, então acho que fiquei com inveja”. E, com isso, ela já mudou de humor e ficou sorridente, dizendo: “Pois é, a única pessoa lá em casa para quem me abri sobre isso foi meu irmão, mas ele reagiu de forma semelhante à sua e disse que era contra, pois eu deveria arranjar um casamento mais previsível, mais pé no chão, o que era de se esperar, pois meu irmão é muito realista e objetivo, mas de qualquer forma eu não ligo para a opinião dele”, continuou ela em um tom animado, “pois na primavera do ano que vem, assim que meu amado se formar, vamos dar um jeito na nossa vida”. Eu forçava sorrisos e apenas ouvia concordando com a cabeça. A inocência dela era extremamente bela e invejável, de forma que senti que meu jeito antiquado e conformista era algo muito feio. Depois desse incidente, minha relação com a Serigawa nunca foi a mesma. Sabe, mulher é um bicho estranho mesmo, é só colocar um homem no meio que não importa se elas se davam bem antes, de repente passam a agir de maneira formal e acabam tornando-se frias uma com a outra. Não é bem como se nós tivéssemos ficado muito diferentes uma com a outra, mas começamos a ficar cheias de dedos, falar menos e em linguagem mais formal. Em resumo, havíamos virado adultas. Tanto eu quanto ela evitávamos tocar no assunto daquela foto, o ano passou e começou a aproximar-se a primavera dos nossos 23 anos, e foi bem no final de março

⁶ Keio e Waseda são as duas universidades privadas mais prestigiosas do Japão.

desse ano que esta história aconteceu. Lá pelas dez horas da noite, estávamos eu e minha mãe na sala, costurando o uniforme do meu pai, quando a empregada abriu a porta devagar e me chamou com a mão. “Eu?”, perguntei com o olhar e ela balançou a cabeça duas ou três vezes, de forma séria, dizendo que sim. “O que foi?”, perguntou minha mãe pressionando os óculos na testa. A empregada tossiu de leve e respondeu, com aparente pesar: “O irmão da senhorita Serigawa gostaria de falar com a senhorinha”, e, então, tossiu mais duas ou três vezes. Eu levantei prontamente e fui para o corredor. Tive um pressentimento de que já sabia o que estava se passando. Aconteceu algo com a Serigawa, tenho certeza, pensei eu e já me pus a caminho da sala de espera, quando então a empregada me interrompeu e, com ares de que o assunto era sério, me disse que ele estava esperando na cozinha, depois deu uma corridinha desengonçada na minha frente. Ao me aproximar da porta da cozinha, que estava numa penumbra, vi o irmão da Serigawa parado e sorridente. Quando eu frequentava a escola com sua irmã, trocávamos algumas palavras todas as manhãs e todas as noites, pois ele estava sempre de prontidão na loja, trabalhando junto com os ajudantes. E mesmo depois que me formei continuamos nos vendo, pois, mais ou menos uma vez por semana, ele vinha à minha casa para fazer alguma entrega de doces e eu carinhosamente até chamava-o de “mano”. No entanto, ele nunca tinha vindo à minha casa tão tarde da noite e essa forma de me chamar para conversar às escondidas só me indicava que a Serigawa tinha finalmente levado adiante os seus planos, pensei eu nervosa e então disse: “Ultimamente eu não tenho visto a Serigawa”, sem que ninguém tivesse me perguntado nada.

— Você sabia? — perguntou ele fazendo cara de dúvida.

— Não.

— Entendi. Bom, ela sumiu. É uma estúpida mesmo. Literatura, onde já se viu? Você sabia pelo menos do caso dela, não é?

— Sim, disso — e dizia com minha voz trancando na garganta — disso eu sei.

— Ela fugiu. Mas meio que sei seu paradeiro. Ela realmente não disse nada para você ultimamente, certo?

— Não, ela andava meio distante de mim ultimamente. O que será que aconteceu? Você quer entrar? Temos bastante o que conversar.

— Ah, obrigado. Mas não posso ficar aqui. Devo sair agora para procurá-la. — Olhando bem, ele estava bem vestido, de terno, e segurando uma pasta.

— Você já sabe o que vai fazer?

— Sim, sei sim. Vou dar uns tapas naqueles dois e depois fazê-los ficarem juntos.

Ele disse isso dando uma risada gostosa e se foi, mas eu fiquei na porta parada e meio zozna, acompanhando-o com os olhos, depois voltei para a sala onde estava, fingi não perceber o olhar de curiosidade da minha mãe, peguei a costura que estava fazendo e trabalhei nela por

alguns instantes. Mas me levantei decidida, fui para o corredor, dei uma corridinha até a cozinha, coloquei meu calçado e, então, comecei a correr desesperadamente. O que será que eu estava sentindo? Até hoje eu não sei. Eu decidira que iria perseguir aquele irmão bondoso e não me separar dele até morrer. Eu não ligava para o problema da Serigawa, só queria encontrá-lo novamente, não importava o que acontecesse, se estivéssemos juntos, poderíamos ir para qualquer lugar; então pensei para mim: “Por favor fuja comigo agora, faça o que quiser de mim”, pensei nisso a noite toda, como se o pensamento fosse uma chama abrupta, e segui correndo em silêncio como um cão por aquelas ruas escuras, às vezes tropeçando, me erguendo e voltando a correr em silêncio, enquanto lágrimas escorriam, um sentimento que, pensando agora, fazia parecer que eu estava no inferno. Quando cheguei à estação ferroviária municipal perto de Ichigaya, estava quase sem poder respirar, com o corpo doendo e enxergando tudo escurecido à minha frente, tenho certeza de que aquela era a sensação de alguém prestes a perder a consciência. Não havia uma vivalma naquela estação. Podia-se ver que o trem acabara de passar. Então, como um último lampejo de desejo, gritei com todas as minhas forças: “Mano!”. Mas nada aconteceu. Juntei minhas duas mãos ao peito e retornei. Recompus-me aos poucos a caminho de casa e, chegando lá, ao abrir a porta da sala em silêncio, minha mãe me perguntou: “Aconteceu algo?”, enquanto me olhava com cara de suspeita. Respondi em um tom despreocupado: “Sim, a Serigawa desapareceu. Que horror, não é?”, e voltei a costurar. Minha mãe pareceu querer me perguntar mais coisas, mas, em consideração, calou-se e seguiu costurando. E essa era a história. E como disse antes, a Serigawa parece que tem um casamento feliz com esse moço de Mita e agora vive na Coreia. E eu também, no ano seguinte, me casei com meu atual marido. E depois daquilo, encontrei o irmão da Serigawa várias vezes e nada foi diferente entre nós. Ele agora é o chefe na Kagetsudô, casou-se com uma menina baixinha e bonita, e tem uma vida bastante próspera. Será que eu, enquanto costurava aquele dia, caí no sono e sonhei com aquilo? Se foi um sonho, foi um sonho bastante realista. Você entende, não é? Essa história parece uma completa mentira. Mas quero que você a mantenha em segredo. Afinal, você já é uma mocinha, minha filha, está indo para o terceiro ano do colegial.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. Ninguém sabe disso. Tradução de Guilherme Castro R. Pedrosa. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 79-84, 2017.